



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2

Atena
Editora

Ano 2020



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B823 O Brasil dimensionado pela história 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (O Brasil Dimensionado pela História; v. 2)

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-915-8
 DOI 10.22533/at.ed.158201501

1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série.

CDD 981.65

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um Brasil, muitos “Brasis”. A própria necessidade de descrever o plural entre aspas aponta para o obrigatório caráter de singularidade que vem com definições como país, nação e território nacional. Entretanto, há algo de profundamente idealista, simplificador e até mesmo pueril a respeito dessa singularização obrigatória. Países, a final, são químicas de muitos compostos e processos, raramente fáceis de delinear.

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes “Brasis”, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“O DIA EM QUE O CACIQUE” ENTOOU “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: UM SAMBA DA VAI-VAI E DA NENÊ COMO LINGUAGEM DE PROTESTO EM TEMPOS SOMBRIOS	
Emerson Porto Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1582015011	
CAPÍTULO 2	13
APONTAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS SOBRE AS ORIGENS E A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS	
Danne Vieira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1582015012	
CAPÍTULO 3	25
CEARENSES OU PIAUIENSES? REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE NA VILA DE AMARRAÇÃO NO LITORAL DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Francisco de Assis de Sousa Nascimento	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.1582015013	
CAPÍTULO 4	37
CAMINHOS DA HISTÓRIA INDÍGENA: TEORIAS, METODOLOGIAS E PRÁTICAS	
Éder da Silva Novak	
Maria Simone Jacomini Novak	
DOI 10.22533/at.ed.1582015014	
CAPÍTULO 5	47
CENTRO DE MEMÓRIA E DE PESQUISA HISTÓRICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (1989-2009): 20 ANOS DE HISTÓRIA	
Marina Carolina Rezende Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1582015015	
CAPÍTULO 6	58
JUSTIÇA ESTATAL E JUSTIÇA NEGOCIADA: FURTO DE GADO, AÇÃO PENAL E JUSTIÇA NÃO ESTATAL NO BRASIL (1860- 1899)	
Lucas Ribeiro Garro Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.1582015016	
CAPÍTULO 7	70
INTERFACE ENTRE FOUCAULT E BUTLER: CAMINHOS PARA SE PENSAR OS CORPOS, SEXUALIDADES/GÊNEROS, PRÁTICAS DE SI, E RESISTÊNCIAS	
João Marcelo de Oliveira Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.1582015017	
CAPÍTULO 8	80
MARANHÃO, A ÚLTIMA CRUZADA ENCANTARIA SEBASTIÂNICA E ESCRITOS CAVALEIRESCOS MEDIEVAIS	
Marcus Baccega	

DOI 10.22533/at.ed.1582015018

CAPÍTULO 9 95

HISTÓRIA PÚBLICA E PATRIMÔNIO EM PAULO FRONTIN - PR

[Welerson Fernando Giovanoni](#)

[Michel Kobelinski](#)

DOI 10.22533/at.ed.1582015019

CAPÍTULO 10 110

O POBRE: AS REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA IMPRENSA DE JUIZ DE FORA EM FINS DO SÉCULO XIX

[Iolanda Chaves Ferreira de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150110

CAPÍTULO 11 119

OS FRANCISCANOS E OS GENTIOS NO BRASIL COLONIAL – A SERVIÇO DA FÉ E DA COROA

[Peter Johann Mainka](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150111

CAPÍTULO 12 148

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL “POR DENTRO DA HISTÓRIA”: UM GUIA PARA A METODOLOGIA?

[Francilene Ramos Lourenço Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150112

CAPÍTULO 13 157

A PRODUÇÃO FÍLMICA “ARAGUAIA: CAMPO SAGRADO” E A INTERPRETAÇÃO DE SUA NARRATIVA

[Marcondes da Silveira Figueiredo Júnior](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150113

CAPÍTULO 14 176

O PENSAMENTO ANARQUISTA NA IMPRENSA ANARQUISTA DURANTE AS CRISES DA DEMOCRACIA NO BRASIL

[Pedro Rachid de Paula Reino](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150114

CAPÍTULO 15 187

UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO LULISMO (2003-2010)

[Nathan dos Santos Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150115

CAPÍTULO 16 198

A EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PACTOS DA BRANQUITUDE

[Adelina Malvina Barbosa Nunes](#)

[Margareth Diniz](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150116

CAPÍTULO 17	208
O ENSINO DA HISTÓRIA, ENTRE A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A CULTURA ESCOLAR	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.15820150117	
CAPÍTULO 18	217
O TRAÇADO DA GUERRA: A CARICATURA COMO ARMA NA GUERRA DO PARAGUAI (1864 – 1870)	
Theo de Castro e Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.15820150118	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

HISTÓRIA PÚBLICA E PATRIMÔNIO EM PAULO FRONTIN - PR

Data de aceite: 05/12/2019

Welerson Fernando Giovanoni
Michel Kobelinski

Uma das discussões recorrentes sobre História Pública é a articulação entre o passado e o presente, de tal maneira que uma de suas definições é, precisamente 'o conjunto de atividades e práticas que se inserem na dialética das relações passado-presente', e seu propósito seria 'historicizar nossa compreensão do presente' e fazer-nos 'mais conscientes de nossa própria historicidade'.

Diana Bocarejo Suescún, 2018.

Em termos mundiais o interesse pelo passado é cada vez maior. Em contrapartida, museus, lugares históricos e monumentos não despertam tanta atenção do público.¹ Uma explicação para esta tendência entre os moradores da cidade de Paulo Frontin-PR pode se resumir na ideia de que a comunidade não participa dos processos de patrimonialização e exibição públicas. Em decorrência disto, os temas históricos universais são considerados

mais importantes do que o passado do lugar, tanto pelas formas de difusão da história atualmente, quanto pela postura dos historiadores e a forma de se ensinar história nas escolas. Deste modo, o público pode entender que a história local não é importante e que ela não cumpre seu papel social.

Aos poucos esta situação está mudando, principalmente com o avanço da História Pública nas escalas local, nacional e internacional. Nesta perspectiva, segundo Thomas Cauvin, atual Presidente da Federação Internacional de História Pública (Estados Unidos da América), o campo de trabalho atual do historiador visa o processo e consiste em “comunicar a história para as grandes audiências, incluir o público nos processos de criação histórica e, aplicar a metodologia histórica às questões atuais”, o que geralmente resulta em produtos, ou seja, exposições, filmes, preservação histórica, elaboração de sites na internet, entre outros.² Portanto, neste capítulo o objetivo é refletir e compartilhar parte da história da cidade de Paulo Frontin, além de apresentar algumas ações e resultados de pesquisa de opinião pública desenvolvidas entre os anos de 2017 e

1 Skramstad, Harold. Foreword. In: Gordon, Tammy S. *Private History in Public: exhibition and the Settings of Everyday Live*. Maryland: AltaMira Press, 2010, s.p.

2 Cauvin, Thomas. The Rise of Public History: An International Perspective. *Historia Crítica*, issue 68 April 2018. Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/english/the-new-bundestag-refugees-and-health/>>

2019.³

A pensarmos a história como disciplina, prática e escrita da histórica, utilizamos algumas abordagens em História Pública para desenvolver ações que envolvam os usos da história pela comunidade.⁴ E, de fato, este tipo de história exige a auto-compreensão e o reconhecimento de que há limitações na compreensão do passado. Porém, ela proporciona possibilidades interessantes, únicas e apaixonantes entre o historiador e suas audiências. A escala da realidade local evidencia o detalhamento de lugares e costumes as quais o historiador público tanto deseja. É claro que fazer este tipo de história provoca desconforto, simplesmente porque desafia o historiador a se engajar com a comunidade.

Certamente, algumas barreiras precisam ser superadas. Entre elas o das conjunturas políticas dos lugares pesquisados. Os espaços de memória, os museus e mesmo os monumentos administrados pelo poder público padecem com as marés políticas. Às vezes, as rivalidades entre grupos distintos é um obstáculo quase intransponível na elaboração de programas, organização de eventos, cursos, palestras, oficinas, etc. Tammy Gordon (2010, s.p.) ao estudar como o passado é elaborado fora dos espaços dos museus, destaca que a “[...] narrativa histórica é em si mesma um ato político, especialmente se sustentamos ideias de história que são contrárias às narrativas dominantes. Por essas razões, as exposições da história privada - aquelas que refletem perspectivas individualizadas sobre a história - precisam de nossa atenção”.⁵

Em geral, as biografias urbanas enfatizam uma história oficial em que os “primeiros” servem de exemplo e parâmetro para a organização social, política e cultural das cidades.⁶ Desta maneira, é necessário desvincular este tipo de história daquela dos cidadãos comuns, uma vez que todos fazem história. É claro que é importante saber o nome do primeiro prefeito, primeiro morador, etc. Porém, devemos inverter esta equação para pensar a percepção que os munícipes de Paulo Frontin têm da história de seu município e de si mesmos. Com isto será possível despertar o interesse pela história pública, uma vez que estes podem se ver representados, incluídos e plenos de direitos.

A estação férrea de Paulo Frontin é reconhecida pela sua função simbólica na construção da cidade e da identidade dos frontinenses (Figura 1). Ela foi além

3 A Pesquisa de Opinião Pública foi organizada e aplicada por Welinton Luiz Giovanoni, Welerson Fernando Giovanoni e Michel Kobelinski, tendo o apoio da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Paulo Frontin-PR. O período de realização foi entre 28/10/2017 a 30/11/2017, com o tema História e Patrimônio. De acordo com a Resolução nº 510/2016 do Ministério da Saúde, pesquisas de Opinião Pública não precisam transitar em Comitê de Ética. Ao todo foram aplicadas 347 amostras para uma população de aproximadamente 7500 habitantes.

4 Certeau, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: Certeau, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

5 Gordon, Op. Cit., 2010, s.p. A título de esclarecimento, os textos citados sem paginação decorrem da natureza da informação disponível no dispositivo Kindle, da Amazon. No momento não há indicação correspondente do número da paginação do livro impresso.

6 Ver TERRA, Antonia. *História das cidades*. São Paulo: Melhoramentos, 2012. “A História aparece deformadamente como a história dos primeiros: o primeiro nascimento, o primeiro enterro, o fundador, o primeiro alfaiate, a primeira parteira” (TERRA, 2012, p.96).

de sua função de transportar pessoas e bens, uma vez que estabeleceu relações entre memória, identidade e patrimônio no meio público. Raphael Samuel revela a complexidade de se pesquisar a própria história e as relações entre história e memória locais. Ele entende a memória local como dinâmica, fluida, vinculada à história e que vai além da imitação ou assimilação, incorporando também aquilo que se esquece, pois a memória não é inativa “[...] ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica [...], e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo”. É neste sentido que a cidade se reveste de uma dupla arquitetura. A do plano físico, com seus prédios, dinâmicas de funcionamento próprios, seus espaços de sociabilidade e de infraestrutura delineada por atividades específicas dentro do espaço urbano. Do outro lado está a arquitetura enquanto elemento ficcional, que transmite sensibilidade aos seus moradores e visitantes. Ambas convergem e impactam na história e no cotidiano dos moradores, vinculando-se também ao patrimônio imaterial.



Figura 1. Estação Ferroviária de Paulo Frontin, Paraná. Fonte: Welerson Fernando Giovanoni, The Frontin, disponível em <<https://thefrontin.blogspot.com/>>, 2019.

A Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, linha Sul (EFSPRG, SP-RG) ligava as Itararé-SP ao Uruguai.⁷ Os períodos de funcionamento foram os seguintes, até seu encerramento: C. E. F. São Paulo-Rio Grande (1904-1942), Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (1942-1975), RFFSA (1975-1996). Assim, o ponto de referência era a cidade de Ponta Grossa, cujo trecho ia até “Paulo Frontin e, desta estação, até a margem direita do rio Iguaçu, em União da Vitória; igualmente, além da margem esquerda do rio Iguaçu (Porto União-SC), em demanda do Vale do Peixe, para atingir

⁷ Ver ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1910): mão de obra e migrações. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 849-869, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000200017&lng=en&nrm=iso>.

o rio Uruguai na localidade de Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul”.⁸

Com a desativação do transporte em trilhos na década de 1990, a estação de Paulo Frontin perdeu sua funcionalidade. Todavia isto não significou a insensibilidade das pessoas com o prédio em si. De forma oposta, constitui-se como lugar de convergências. A estação é uma referência memorial alicerçada pela sensibilidade dos munícipes, os quais tecem narrativas para ela e para si mesmos. Note-se que novas abordagens etnográficas levam em conta as relações entre arqueologia, história e patrimônio e a ideia de que lugares, paisagens e objetos produzem identidade e memória. É neste sentido que a materialidade está profundamente ligada aos elementos imateriais, ao mesmo tempo que “reflete e molda experiências sensoriais, afetivas e corporificadas de memória e identificação”.⁹

Vejamos o caso mais emblemático da estação de Paulo Frontin. No ano de 1943, ocorreu uma violenta explosão provocada por uma carga de 45 caixas de dinamite (1150 quilos), seguida de incêndio em parte da composição que vinha de Ponta Grossa-PR e tinha como destino a cidade de União da Vitória-PR. No dia trinta de setembro de 1943 os periódicos *Jornal Diário da Tarde* e *Jornal O Dia* destacam em suas respectivas manchetes este episódio que ocorrera no dia anterior, às cinco horas e cinquenta minutos. O médico Itagiba Xavier Bastos, que viajava para Ponta Grossa, fez três amputações e suturas com “agulhas de crochê”. Ele também relatou que viu “corpos humanos transformados em tochas ardentes, num quadro verdadeiramente tétrico e difícil de pintar, com as cores da realidade”.¹⁰ A explosão não só deixou feridos que foram atendidos na cidade de Porto União – SC, mas também vitimou quatorze pessoas, arrasou a estação e casas vizinhas.¹¹

Dois dias após o episódio, correspondentes do *Jornal O Dia* das cidades de Ponta Grossa e Porto União-SC colaboravam com a manchete intitulada *Ainda a*

8 KROETZ, Lando. *As estradas de ferro do Paraná (1880-1940)*. São Paulo, USP, 1985, p.77.

9 Ver IRELAND, Tracy, LYDON, Jane. *Rethinking Materiality, Memory and Identity*. *Public History Review* Vol 23 (2016): 1-8. Ao tratarem das emoções no passado, as autoras destacam que: “A preocupação com a materialidade se une ao recente interesse acadêmico na história, efeitos políticos e papel cultural das emoções. Às vezes denominada de “giro afetivo”, essa pesquisa definiu emoções ou ‘sentiu julgamentos’, como sentimentos corporificados experimentados no contexto de valores e princípios.”, p. 3.

10 *Jornal Diário da Tarde*, Arrazada a estação de Paulo Frontin. Terrível explosão de um trem com dinamite ocasionou a morte de 14 pessoas, 30 de setembro de 1943; *Jornal O Dia*, Gravíssimo acidente ferroviário na estação Paulo Frontin. Violenta explosão, 30 de setembro de 1943. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pasta=ano%20194&pesq=Explos%C3%A3o>>

11 O jornal informou os nomes das vítimas: “Hamilton Padilha, Eduardo Stelnack, Simeão Saraf, Deodoro Krun, Nestor Kaprovitch, Fernando Ribeiro, Felix Gulanoski, Zenobia Buach, Alvina Ribeiro de Souza (menor), particulares, e Amalio Ribeiro de Souza, Miguel Rogoski, João Sheika, Ezequiel Costa (empregado da Rede)”. Os nomes dos feridos também foram divulgados: “Hamilton Cordeiro, Eugenio Cordeiro, Pedro Cesario de Oliveira, Flores Cunha, Nanci Cunha, Elvina Ribeiro de Souza, Eduardo Pavoschi, João Gonçalves, Vitor Andrade, Paulo Fidhi, Aurora Cordeiro, Hermancia Cordeiro, Antonio Cruz, André Tatarin, Miguel Luthuch, Marciano Fiden, Teodora Coguth, Leonardo Macurek e Aniblado Altana, particulares e Romão Carpovitch, Pedro Esquibins, João Bela Cruz e Germiliano Almeida, empregados da Rêde, dentre estas vítimas apenas quatro viajavam no trem de passageiros”. *Diário da Tarde*, 1943.

impressionante explosão em Paulo Frontin: alguns detalhes e esclarecimentos. O correspondente de Ponta Grossa narra o trágico episódio da seguinte maneira:¹²

Verificando o início de incêndio do vagão que conduzia a dinamite, o agente local providenciou imediatamente para isolá-lo do resto da composição do trem de carga “C-151” e para afastar do pátio da estação o P-8, que estava aguardando cruzamento. Graças a esta acertada medida, executada com a máxima presteza, nada sofreu o expresso do Sul, que assim pode seguir viagem normalmente. Quase todas as vítimas da lutuosa ocorrência são ferroviários e moradores da localidade que trabalhavam ou testemunhavam a manobra em execução. Dentre elas, sobressai o elevado número de menores, que por curiosidade, se aproximaram descuidadamente do veículo sinistrado. Os feridos receberam pronta assistência da Rêde, que foi auxiliada pela Formação Sanitária do 5º Batalhão de Engenharia, dirigida pelos tenentes drs. Otávio Novais e João Paulo Temporal, e pelos médicos civis, drs. Alcides Silva, Ely Souza e Ernani Bengui. Merece justo destaque a conduta dos empregados da Rêde, que ao preço da própria vida, cumpriram fielmente seus deveres funcionais, evitando deste modo consequências mais funestas do fatal acontecimento.

Em seguida, por telégrafo, o correspondente de Porto União – SC, traz mais informações, tais como a procedência do trem (Rio Azul), o nome do maquinista (Waldemar Campos), a carga transportada (sacos de milho e dinamite, entre outras mercadorias embarcadas em Ponta Grossa), seu destino rumo ao Norte, a tentativa de dirigir o vagão para a Caixa D’água para apagar o incêndio e a explosão: “dada a dificuldade de água foi o carro fatídico levado para o triangulo de desvio e quando se abriu a porta, verificou-se a explosão que veio atingir os curiosos do trem de passageiros, funcionários interessados e pessoas que esperavam o P-8, para seguir viagem”.¹³ As imagens do episódio apareceram em edição do dia 3 de outubro do Jornal O Dia (Fig. 2). A comoção coletiva na cidade também chegou à capital paranaense. A menina Maria Mendes, vencedora do concurso de música Novos Cantores, da Rádio Clube Paranaense, doou o prêmio de 20 cruzeiros à Legião Brasileira de Assistência, para ajudar as vítimas do acidente em Paulo Frontin (O Dia, 1943, 8 de out., 1943). O início da reconstrução da estação provavelmente se iniciou em 1946, pois o edital de concorrência foi lançado em 16 de junho de 1946 e previa as seguintes obras: edifício para estação com armazém, casa para o agente, 11 casas para trabalhadores, abrigo de vagonete, casa de bomba e caixa d’água com concreto armado, de 40m², instalação de água e esgoto e cercas de madeira (O Dia, 16 jun., 1946).

12 O Dia, 1943, p. 1.

13 Em relação ao periódico Jornal Diário da Tarde, esta edição de O Dia acrescentou os nomes de Miguel Mudrech e Zenóbio Bughe entre as vítimas, e os nomes de Pedro Sibniki e Germiniano de Almeida e Lauro Braga, como gravemente feridos.



Figura 2. O Dia. Imagens da explosão da estação de Paulo Frontin. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.¹⁴

A explosão do vagão de cargas também impactou de forma traumática na memória das pessoas e se repercute ainda hoje. Existem inúmeras especulações para este fato: transporte de carga valiosa, tentativa de assalto e conspiração nazista. De qualquer maneira o problema aqui é o da transmissão da memória entre gerações, isto é, como o passado foi apropriado e transformado através de narrativas próprias.¹⁵

Como constatamos em pesquisa de campo (Fig.3), a maioria da população de Paulo Frontin considera a ferrovia como fato histórico e marco referencial sensível (85,6 %). Em resposta à pergunta “Que acontecimento histórico deveria ser retratado em um monumento ou memorial em Paulo Frontin?”, fica evidente que a maioria das pessoas (66,3 %) desejam homenagear os mortos na explosão de 1943, tragédia esta que se repercute não apenas como fato histórico, mas também como parte de uma memória afetiva traumática.

14 Legenda jornal do O Dia, 3 de outubro de 1943: “Porto União, (do correspondente - pelo correio - de baixo para cima: dois aspectos dos primeiros socorros prestados às vítimas da explosão em Paulo Frontin, atendidos mesmo na Gare desta cidade; ao alto, o representante de O Dia colhendo declarações do Sr. Claro Moraes, chefe do trem que conduzia a perigosa carga”. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&PagFis=50541>>

15 Embora não tenhamos trabalhado com a História Oral, que historicamente nos Estados Unidos está relacionada ao desenvolvimento da História Pública, seguimos a perspectiva de Meihy & Ribeiro (2011, p. 53-54) para sublinhar que a “história oral comunitária é parte da história oral institucional”, as quais são marcadas por laços de afeição, envolvimento e relações socioculturais. Ver Meihy, José C. S., Ribeiro, Suzana L. S. *Guia prático de história oral pra empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

15. Que acontecimento histórico deveria ser retratado em um monumento ou memorial em Paulo Frontin?

347 respostas

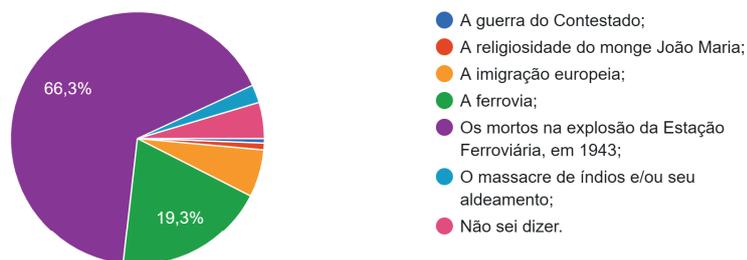


Figura 3. Pesquisa de Opinião Pública: Representação histórica e monumentalização. Giovanoni & Kobelinski, 2017.

Apesar de a Estação Ferroviária ser uma referência no imaginário local, a população não se mobilizou para preservá-la, deixando esta incumbência para a administração municipal. Seu estado era deplorável na primeira década do século XXI. Ela não tinha telhado, as paredes desmoronavam, havia pichações e depredação (Figura 4).



Figura 4. Estação Ferroviária de Paulo Frontin em ruínas, em 2010. Autor desconhecido. Fontes: The Frontin, <<https://thefrontin.blogspot.com/>>, 2019; Estações Ferroviárias do Brasil, <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/paulofrontin.htm>.

Em 2011, a restauração realizada pela Administração Pública foi significativa. Promoveu-se o sentimento e a impressão de que as pessoas se conectavam como o seu passado e podiam ver na estação algumas exposições ligadas às artes plásticas. Isto porque sua história estava intimamente ligada à formação do município e em razão da ausência de espaços memoriais e monumentais. Porém, as exposições fixas ou itinerantes não tiveram continuidade.

Cabe-nos ressaltar a importância de o historiador público trabalhar com a comunidade e com a administração municipal a fim de evidenciar a comunidade como portadora de direitos à memória, à história e à salvaguarda de seus bens culturais. O levantamento de dados através de pesquisa de opinião pública teve este objetivo ao verificar o reconhecimento de lugares dotados de significados para a população de Paulo Frontin. O compartilhamento destas informações tem como propósito promover processos solidários de patrimonialização no município.

Igualmente é preciso esclarecer que patrimônio é uma manifestação de história pública. Para Meneses (2018, p. 71) “[...] todo patrimônio é uma forma de história pública. É história porque quer registrar o tempo da construção memorialística geradora de sentido patrimonial, e é pública porque assume os discursos da coisa que é de todos, para a fruição de todos e para o bem de todos”. É conveniente lembrar que o conceito de patrimônio histórico, presente no Dicionário de Conceitos Históricos (Silva & Silva, 2009, p. 324), traz com significado “o complexo de monumentos, conjuntos arquitetônicos, sítios históricos e parques nacionais de determinado país ou região que possui valor histórico e artístico e compõem um determinado entorno ambiental de valor patrimonial”. Porém, a estes espaços ou ambientes se agregam elementos histórico-culturais e discursos que invocam para si um passado distinto daquele da comunidade, sendo usado como artifício para a legitimação de poder.

O patrimônio também pode ser definido como o conjunto de “artes de fazer” e não se restringe aos aspectos físicos e arquitetônicos, pois ele “[...] não é feito dos objetos que ela [a cidade] criou, mas das capacidades criadoras e do estilo inventivo que articula, à maneira de uma língua falada, a prática sutil e múltipla de um vasto conjunto de coisas manipuladas e personalizadas, reempregadas e *poetizadas*” (Certeau, 1998, p. 199).

Colocar em pauta discussões desta natureza, envolvendo tanto o prédio da estação (e entorno) quanto atividades de repercussão pública, certamente valorizará o conhecimento destas manifestações coletivas em suas temporalidades e, simultaneamente, permitirá refletirmos a inserção deste espaço em Políticas Públicas de Educação Museal (Programa Nacional de Educação Museal - PNEM). Aqui, destacamos a diretriz nº 4, que consiste em “assegurar que os museus e espaços de memória sejam importantes ferramentas de educação, e que por meio de ações transversais colaborem para o desenvolvimento cultural, social e econômico, regional e local (PNEM, 2010, p. 62).

A estação de Paulo Frontin e a explosão de 1943 nos permite constatar o estado das políticas de preservação deste espaço. E se elas não foram efetivas no plano nacional, isto também se refletiu no próprio município. É visível a preocupação de alguns gestores públicos com a situação da estação e seus futuros usos. Mas, de maneira geral, as tentativas de readequar o prédio a outras atividades não tiveram êxito. A ideia mais plausível é a transformação deste espaço em museu, embora que sua concepção ainda seja a tradicional e inexista a sinalização de concurso público

para a função de museólogo. Tal qual uma escola, o museu é lugar de aprendizagem, de lazer e de produção de conhecimento.

Por outro lado, a autonomia destes espaços não lhes confere posição hegemônica na construção do saber. Para Hooper-Greenhill “o museu é a universidade do povo”.¹⁶ Ao se referir ao museu como “universidade do povo”, a autora alerta para o fato de que, nesse espaço em particular existe uma mediação entre patrimônio, exposição e público. A proposição é a de que o argumento e a narrativa elaborem conhecimento para públicos variados. Dito isso, podemos afirmar que o museu não garante uma formação integral e a escola não garante o conhecimento absoluto das coisas. Em nosso entendimento, o caminho deveria ser o da integração destes espaços. Ambos podem desenvolver ações educativas e os historiadores podem promover com os professores das escolas e comunidades, cursos de História Pública.

A pesquisa de opinião pública revelou algumas contradições. Se a população em geral reconhece a estação ferroviária como marco histórico, memorial e sensível, o mesmo não ocorre em relação à origem do nome da cidade. As respostas à pergunta “Você conhece a letra do Hino de Paulo Frontin e seu autor?” demonstra que 88,8 % dos respondentes têm mais familiaridade com a letra do hino da cidade do que com a figura do engenheiro, empresário, professor, político e prefeito da cidade do Rio de Janeiro, André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933). (Fig. 5).

12. Você conhece a letra do Hino de Paulo Frontin e seu autor?

347 respostas

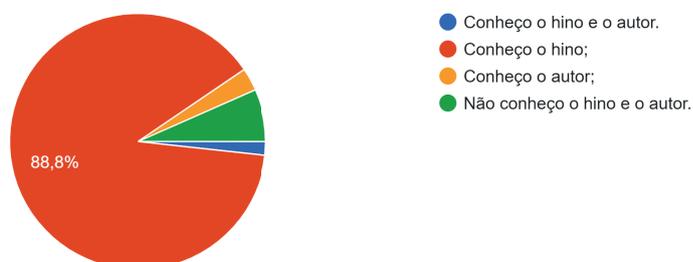


Figura 5. Pesquisa de Opinião Pública: Letra do Hino de Paulo Frontin e nome da cidade. Giovanoni & Kobelinski, 2017.

A prefeitura municipal de Paulo Frontin, em seu website disponibiliza a letra do hino do município, porém sem apontar sua autoria:¹⁷

¹⁶ Hooper-Greenhill, 1998, p. 9-10, in LEOZ, 2016 p. 81.

¹⁷ Prefeitura Municipal, Hino de Paulo Frontin.

disponível em <http://paulofrontin.pr.gov.br/pagina/150_Hino-da-Cidade.html>; ver também no site Letras, Hinos de cidades, o Hino de Paulo Frontin: <<https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/1785581/>>. No entanto, o vídeo não corresponde à letra da música. O link deste site nos leva ao canal no YouTube de Gabriel Aquino, que também traz as seguintes informações: Hino de Paulo de Frontin- Leila Solon Ribeiro (violão), 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5nF_Ep1IZTE>.

Hino de Paulo Frontin

Uma serra chamada Esperança
Fez da mata uma oferta de paz
E acolheu este povo de longe
Que chegou sem olhar para trás
Com o tronco viçoso do pinho
Altaneiro sobre os cereais
Foi subindo uma prece a Sant'Ana
Pela força de um braço capaz.

Estrilho:

Lá no alto a bandeira se inflama
Alcançando o horizonte sem fim
De um herói exaltando a fama
É a cidade de Paulo Frontin.

O Iguaçu que divide fronteiras
Também une num mesmo ideal
As visões de um engenheiro valente
Com a fonte que verte cristal
O perfil ondulante borbulha
A riqueza latente no chão
Garantindo progresso e fartura
Ao que saiba dar seu coração.

Neste sentido, a pergunta “A que se refere a letra do Hino da cidade de Paulo Frontin?”, traz como respostas, os seguintes dados: Os versos se referem à natureza acolhedora e aos imigrantes que produzem alimentos e agradecem a Deus (13,8 %); Os versos ressaltam a homenagem a Paulo Frontin, que simboliza o progresso e o desenvolvimento (39,2 %); Os versos mencionam que o rio Iguaçu une os imigrantes, fertiliza o solo e enriquece àqueles que desejam trabalhar (15,3 %); Todos os versos anteriores expressam as ideias do professor Farid Guérios, autor do hino (22,2 %); Não sou capaz de responder esta questão (9,5 %). Deste modo, o que constatamos é que a identidade dos frontinenses (Na sua opinião o que melhor retrata a identidade de Paulo Frontin?) se mescla entre o futuro *museu da estação ferroviária* (30,5 %), à ferrovia (22,2%) e às *igrejas do município* (38,3 %). Portanto, a identidade dos moradores de Paulo Frontin é fragmentária e comporta elementos distintos, que envolvem patrimônio material e imaterial, pertencimento comunitário e pesar (explosão de 1943).

Notadamente, no tocante aos museus de cidades de pequeno e médio porte, a figura do museólogo muitas vezes é ficcional e, por conseguinte, planos museológicos inexistem. Desta forma, aliar investimentos, preservação, ações pedagógicas, racionalizar recursos públicos, realizar parcerias com instituições privadas, planejar

estratégias coerentes de funcionamento ainda são um desafio.¹⁸

Outrossim, há o problema do consumo de história e a atuação dos historiadores. Mesmo porque a história se popularizou, a exemplo dos websites, canais de televisão e cinema, por exemplo. O que de certa maneira coloca em dúvida a credibilidade e a autoridade da escrita da história. Esta situação é bem colocada pelo historiador Jurandir Malerba (2016, p. 147), quando se levanta o papel e a responsabilidade dos historiadores atualmente: “[...] muitas vezes implica que qualquer um detém autoridade e é responsável – o que significa, de modo inverso, que ninguém é responsável e detém a autoridade sobre o conhecimento histórico. [...] será que nós, historiadores treinados para pesquisar, escrever e ensinar história perdemos controle, credibilidade e autoridade sobre essas práticas”.

Ao pensarmos nestas questões, com o objetivo de interagirmos com a população de Paulo Frontin, criamos um blog. A ideia é informar e compartilhar informações relevantes no âmbito da história pública, patrimônio e cotidiano.¹⁹ Os conteúdos podem estimular as pessoas e mesmo os historiadores a lidarem com uma série de materiais sobre a cidade e interagir através das redes sociais na internet. O website foi inaugurado em janeiro de 2019, com o título *The Frontin*, o qual também foi apresentado na Semana de Integração do Curso de História Unespar, campus de União da Vitória/PR. A proposta foi a de aglomerar diversas fontes, tais como recortes de jornal, fotos, livros, panfletos, etc. A ênfase recaiu nos temas cidade e na figura do Engenheiro Paulo de Frontin para que o público tivesse uma nova experiência em relação à História Pública. Como o site ganhou audiência de um público externo (muito provavelmente pelo nome), pretendemos ampliá-lo com conteúdos e postagens em português e inglês.

Bruno Leal Pastor de Carvalho (2016, p. 41) sublinha a importância da divulgação científica em história e o papel dos historiadores públicos: “desejamos divulgar a produção do conhecimento histórico para o grande público não só porque valorizamos o trabalho desenvolvido em nossos centros de pesquisa, mas porque acreditamos que, ao compartilhar esses saberes, podemos contribuir para formar uma sociedade mais crítica, esclarecida e democrática”. Nesta mesma direção, Fernando Nicolazzi (2017, p. 26) ressalta que “ser historiador no século XXI significa, portanto, atentar seriamente para sua relação com o público e tentar, sempre que possível, valer-se de uma forma de linguagem que cause beleza e provoque prazer, atraindo com isso um número cada vez maior de leitores”. Neste sentido, as postagens tiveram um tom informal. Aproveitamos a tendência do *#tbt* (a sigla significa throwback Thursday),

18 Veja-se, por exemplo, a tragédia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 2018, símbolo de má gestão de recursos financeiros por parte do Estado e de sistemas ineficientes para contenção de incêndios. Na maioria dos casos, a preservação de bens materiais no Brasil subestima planos de curto, médio ou longo prazo, sendo que as ações se realizam em razão de necessidades momentâneas.

19 O endereço do blog *The Frontin* é o seguinte: <<https://thefrontin.blogspot.com/search?updated-max=2019-02-04T16:20:00-02:00>>. Neste endereço estão disponíveis integralmente os resultados da pesquisa de Opinião Pública.

ênfatizando uma linguagem descontraída. Ela é utilizada pelos usuários de redes sociais para marcar fotos que lembrem coisas boas. Neste site, postamos fotografias da inauguração da estação de Paulo Frontin e outras mais recentes em tópicos variados e atrativos.

O Blog teve algumas dificuldades no início. A principal delas foi a falta de equipamentos técnicos apropriados. A maioria das fotos foram feitas com aparelho celular sem boa resolução. Pesou também a falta de familiaridade com as plataformas digitais na internet, uma vez que àquelas gratuitas possuem limitações gráficas, as quais prejudicam a experiência do usuáριο. O site terá aprimoramentos nas postagens, edições de imagens mais profissionais e terá vídeos curtos sobre temas diversos. Aliás, esta abordagem será aprimorada em futuro projeto de pesquisa. Sem dúvida, este contato com o público poderá auxiliar a compreendermos melhor a forma como ocorre o consumo de história pelos usuários e pelos frontinenses.²⁰

Além destas atividades, no mês de maio do corrente ano, durante a Semana Nacional de Museus, capitaneada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), organizarmos atividades com alunos do Ensino Médio no espaço da estação de Paulo Frontin, no evento intitulado História Pública & Ensino de História: museus e lugares de memória. Foi estabelecida uma parceria com Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Paulo Frontin, e o grupo de Pesquisa Cultura & Sensibilidades, da Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória (Fig. 6).²¹

20 As narrativas digitais precisam fazer parte não só do planejamento dos professores e profissionais de história, mas também das atividades em sala de aula, uma vez que a internet é a principal ferramenta de compartilhamento de informações em termos mundiais. Note-se também que, o sistema de trabalho do professorado brasileiro, segundo o portal de notícias O Estadão, apenas 2,4% dos jovens desejam seguir a carreira de professor no Brasil. Ver Estadão. Só 2,4% dos jovens brasileiros querem ser professor. 24 de junho de 2018. Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,-so-2-4-dos-jovens-brasileiros-querem-ser-professor,70002364548> (acessado em 11/04/2019). Sobre este assunto, ver KOBELINSKI, M. Yes, we have it. An MA in Public History at Unespar. BRIDGING. THE IFPH-FIHP BLOG, 10 jan. 2019. Disponível em <<https://ifph.hypotheses.org/2652>> (acessado em 10/05/2019).

21 KOBELINSKI, Michel, GIOVANONI, Welerson Fernando, Welinton Giovanoni. **História Pública & Ensino de História**: museus e lugares de memória. Organização de evento. Paulo Frontin, 14 de maio de 2019.

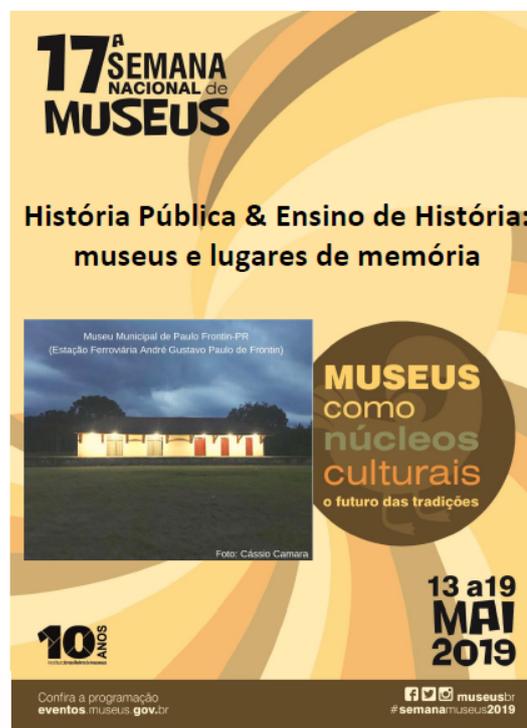


PROGRAMAÇÃO

14/05/2019 - 9:00 às 11:00h
COMUNICAÇÕES

1. A religiosidade popular nas coleções do Museu da América: divindades católicas e andinas (Madrid, Espanha) - Michel Kobelinski
2. Paulo Frontin: Morar e Pesquisar – Wellerson Fernando Giovanoni
3. Oficina: maquete Estátua Moai da Ilha de Páscoa (Chile)
4. PESQUISA DE OPINIÃO: coleta de dados sobre religiosidade popular.

Apelo:  Realização: 



17ª SEMANA NACIONAL de MUSEUS

História Pública & Ensino de História: museus e lugares de memória

Museu Municipal de Paulo Frontin-PR
(Estação Ferroviária Andre Gustavo Paulo de Frontin)

MUSEUS como núcleos culturais o futuro das tradições

10 ANOS

13 a 19 MAI 2019

Confira a programação eventos.museus.gov.br

#semanamuseus2019

Figura 6. Organização de evento, História Pública & Ensino de História, 2019.

Ao apresentarmos algumas conclusões acerca das atividades de pesquisa e contato com o público, afirmamos que as práticas culturais de imigrantes europeus em Paulo Frontin aparecem como catalizadoras de identidades que se distanciam e, ao mesmo tempo, aproximam-se. De um lado, as marcas dos conflitos armados da Guerra do Contestado (1912-1916) raramente aparecem, a não ser durante as comemorações de seu centenário.²² De outro lado, a ferrovia (e a estação ferroviária) - principal meio de expansão do progresso, do capital estrangeiro e mobilizadora de conflitos agrários no início do século XX – é vista como parte integrante do patrimônio da cidade. Entender estas evasões e permanências permite observarmos como as pessoas ou grupos sociais reconfiguraram seu mundo, seus costumes, seus hábitos para estarem e se sentirem presentes em seu próprio universo cultural e se distanciarem daqueles momentos traumáticos da história. A estação ferroviária - e a trágica explosão de 1943 - firmou-se no imaginário dos frontinenses como elo memorial entre as pessoas da localidade em distintas temporalidades. Possivelmente em razão de envolver um acontecimento local, com vítimas conhecidas e crianças, pelo fato de a estação ferroviária estar visivelmente presente no cotidiano de seus moradores, e por trazer a lembrança de um passado que comoveu não apenas a cidade, mas

²² Entre os principais grupos de imigrantes estão os ucranianos, poloneses, italianos e alemães. De acordo com Machado, P. P. Guerra do Contestado. Os reflexos cem anos depois. Entrevista especial com Paulo Pinheiro Machado, *Revista IHU on-line*, a Guerra do Contestado foi, em síntese, um “conflito social, ocorrido nos planaltos catarinense e paranaense entre 1912 e 1916, que colocou de um lado Coronéis, grandes fazendeiros, governo e, de outro lado, posseiros, pequenos lavradores, ervateiros, tropeiros e agregados. O conflito teve início com a perseguição policial ao grupo de sertanejos que se reunia em torno do curandeiro José Maria, na comunidade de Taquaruçu.” Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514385-guerra-do-contestado-os-reflexos-cem-anos-depois-entrevista-especial-com-paulo-pinheiro-machado>>.

também o Brasil. Especialmente quanto os jornais da época traziam manchetes de notícias de explosões no front da II Guerra Mundial.

No âmbito da história pública, as relações estabelecidas entre cotidiano, memória e patrimônio são estimulantes. Através delas poderemos identificar como se processam parte das interações entre os munícipes e seu patrimônio material e imaterial. Como bem percebe Lowenthal (1998, p. 65), a consciência do passado significa coexistir e distinguir-se dele, pois ao mesmo tempo que une, provoca tensões: “O que nos une é nossa percepção amplamente inconsciente da vida orgânica; o que nos separa é nossa autoconsciência - o pensar sobre nossas memórias, sobre história, sobre a idade das coisas que nos rodeiam”. Estudar as relações evidentes e veladas entre os atores sociais e seu patrimônio, bem como os diferentes sentidos que lhes são atribuídos, em encontros e desencontros, entre partidas e chegadas, envolvidos na apreensão do espaço urbano e do cotidiano exigem interação com a comunidade e compartilhamento de ideias e informações.

Contemplar as ações do cotidiano, os jogos invisíveis de afinidades e/ou repulsas, podem contribuir para o conhecimento e valorização do espaço público e dos comportamentos sociais. A convivência e o equilíbrio entre a “configuração pública dos lugares” e a “salvaguarda” da vida privada são inevitáveis. Ao inseri-los em Projetos de Educação Patrimonial, poderemos levar as pessoas a ler a paisagem e seus monumentos e a “curtir todos os passados” (CERTEAU, 1998, p. 169). Portanto, a tarefa do historiador público consiste em refletir com as comunidades seus modos de fazer, perceber e se relacionar com o passado. Além disso, poderemos entender melhor as narrativas públicas, as enunciações dos moradores e compreender os mecanismos de encenação e patrimonialização.

REFERÊNCIAS

BOCAREJO SUESCÚN, Diana. Lo público de la Historia pública en Colombia: reflexiones desde el Río de la Patria y sus pobladores ribereños. **Historia Crítica**, nº 68 (2018): 67-9. Disponível em <https://doi.org/10.7440/histcrit68.2018.04>

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo In: **Revista Transversos**. Nº 07, v. 07, p. 35-53. Rio de Janeiro. 2016.

CAUVIN, Thomas. The Rise of Public History: An International Perspective. **Historia Crítica**, issue 68 April 2018. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/english/the-new-bundestag-refugees-and-health/>

CERTEAU, Michel de A Operação Historiográfica. In: Certeau, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Editora Vozes. Petrópolis/RJ. 2013.

ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1910): mão de obra e migrações. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 849-869, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000200017&ln

g=en&nrm=iso>

IRELAND, Tracy, LYDON, Jane. Rethinking Materiality, Memory and Identity. **Public History Review**, Vol 23 (2016): 1-8.

KOBELINSKI, M. Yes, we have it. An MA in Public History at Unespar. **Bridging. The IFPH-FIHP Blog**, 10 jan. 2019. Disponível em <<https://ifph.hypotheses.org/2652>>

KROETZ, Lando. **As estradas de ferro do Paraná (1880-1940)**. São Paulo, USP, 1985, p.77.

LEOZ, José Luis de Los Reyes. Museos y centros escolares: entornos de aprendizaje compartido In: **UNES**. N° 01, p. 80-96. 2016.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado In: **Projeto História**. N° 17, p. 63-201. São Paulo/SP. 1998.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra do Contestado. Os reflexos cem anos depois. Entrevista especial com Paulo Pinheiro Machado, **Revista IHU on-line**, Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514385-guerra-do-contestado-os-reflexos-cem-anos-depois-entrevista-especial-com-paulo-pinheiro-machado>>

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital In: **Revista Brasileira de História**. N° 74, v. 37, p. 135-154. São Paulo/SP. 2017.

MEIHY, José C. S., Ribeiro, Suzana L. S. **Guia prático de história oral pra empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENESES, José Newton Coelho. Todo patrimônio é uma forma de história pública?/Is every heritage a form of public history? In: Ana Maria Mauad; Ricardo Santhiago; Viviane Trindade Borges. (Org.). **Que história pública queremos?** v. 01, p. 69-83. Editora Letra e Voz. 2018.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear In: **Revista Maracanan**. N° 18, p. 18-34. 2018.

Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus, MinC/Ibram, 2010.

SAMUEL, Rafael. Teatro de memória In: **Projeto História**. N° 14, p. 41-81. São Paulo/SP. 1997.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. Editora Contexto. 2°ed. São Paulo. 2009.

SKRAMSTAD, Harold. Foreword. In: GORDON, Tammy S. **Private History in Public: exhibition and the Settings of Everyday Live**. Maryland: AltaMira Press, 2010.

TERRA, Antonia. **História das cidades**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Penal 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Amarração 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35
Análise de políticas públicas 187
Anarquismo 176, 177, 178, 182, 184, 185
Anarquista 176, 177, 178, 179, 181, 182, 185
Araguaia-Campo Sagrado 157

B

Branquitude 198, 199, 200, 201, 202, 206

C

Caricatura 217, 219, 220, 227
Caridade 110, 114, 115, 117, 118
Carnaval 1, 3, 4, 5, 6, 9
Ceará 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36
Colonização 19, 39, 80, 82, 83, 84, 93, 119, 124, 128, 133, 134, 136, 146, 199, 202, 215
Crise 112, 145, 176, 179, 181, 185, 213, 217
Crítica da Economia Política 13, 24
Cultura histórica 208, 210, 212

D

Democracia 9, 10, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 194, 211
Discurso Econômico 13, 14, 23, 24

E

Economia Política 13, 18, 21, 22, 23, 24
Educação 37, 43, 44, 45, 78, 79, 96, 102, 106, 108, 115, 119, 126, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 211
Educação patrimonial 108, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156
Encantaria 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94
Ensino de História 1, 4, 43, 44, 106, 107, 215
Escola de samba 1, 3, 4, 5, 6

F

Filme 157, 159, 166, 169, 175

G

Golpe 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 211
Guerra do Paraguai 217, 219, 220, 227

Guerrilha do Araguaia 157, 158, 161, 164, 175

Guia básico de educação patrimonial 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

H

História da Educação 187, 191, 195, 201

História do Brasil Colonial 119

História do Direito 58, 63, 64, 65, 67, 68

História do Processo Penal 58, 63

História local 95, 148, 156

Historiografia 4, 25, 28, 37, 62, 63, 112, 136, 137, 141, 144, 162, 179, 208, 212, 215, 217, 220

I

Identidade 3, 5, 6, 7, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 48, 49, 70, 72, 73, 78, 96, 97, 98, 104, 118, 175, 198, 199, 209, 210, 215

Ideologia 13, 14, 15, 17, 20, 23, 24, 27, 32, 113, 116, 117, 178, 199, 203, 216

Indígenas 3, 9, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 183, 199, 202

J

Judith Butler 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79

L

Legislação 60, 66, 133, 139, 141, 142, 187

Lulismo 187, 188, 189, 191, 194

M

Maranhão 25, 32, 34, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 119, 144, 145

Matéria Cavaleiresca Alemã 80

Memória 4, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 85, 86, 96, 97, 98, 100, 102, 106, 108, 109, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 167, 169, 172, 174, 175, 212, 214, 215, 220, 227

Michel Foucault 70, 71, 72, 74, 78

Missão 119, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 143, 144, 192

N

Negociações 38, 39, 58, 63, 64, 66, 67

O

Ordem de São Francisco (OFM) 119

P

Periódicos 28, 31, 65, 98, 180, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Pesquisa 25, 28, 37, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 66, 72,

92, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 148, 150, 158, 164, 174, 176, 178, 180, 184,
185, 187, 188, 192, 196, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 213, 217, 227

Piauí 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Pobreza 110, 111, 113, 114, 116, 177, 189, 190

Política Educacional 187

R

Racismo 7, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 212

Regime militar 9, 10, 157, 158, 164, 174

S

Samba enredo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11

Subjetividade 198, 200

T

Teoria Queer 70, 71, 72, 73, 75, 78, 79

Transição ao capitalismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0